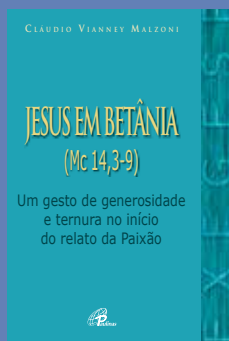


GILVAN LEITE DE ARAUJO

HISTÓRIA DA FESTA JUDAICA DAS TENDAS



A coleção Exegese apresenta estudos nacionais que se propõem a interpretar um determinado trecho das Sagradas Escrituras de forma pormenorizada. Trata-se de pesquisas que analisam as tradições bíblicas em sua língua original, ou seja, em hebraico, aramaico ou grego. Todavia, em vista dos volumes publicados nesta coleção, vale a regra de que toda a colocação de uma palavra ou frase em uma das línguas antigas venha acompanhada, imediatamente, de uma tradução bem literal, feita pelo próprio autor da pesquisa. Dessa forma, também os leitores menos familiarizados com as línguas bíblicas terão pleno acesso aos estudos aqui apresentados. De resto, as pesquisas seguem a metodologia moderna do estudo literário-histórico, ou seja, “exegético”, das Sagradas Escrituras.



SUMÁRIO

Siglas e abreviaturas	5
Introdução	7
1. A Festa de <i>Sucot</i> durante o período pré-exílico	9
1. A Festa de <i>Sucot</i> no Pentateuco.....	9
2. A Festa de <i>Sucot</i> nos Livros Históricos.....	16

AGRADECIMENTO

À Diocese de Osasco, através de Dom Francisco Manuel Vieira, bispo emérito, Dom Ercílio Turco, bispo atual, e meus queridos e santos irmãos no presbitério.

À Bischöfliche Aktion Adveniat.

A meus familiares, em especial minha querida mãe, Inês Leite (*in memoriam*).

À Paulinas Editora.

À Ir. Célia Cadorin, ciic.

À Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Angelicum de Roma).

Às Bibliotecas do Pontifício Instituto Bíblico de Roma e Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

Aos professores Pe. Dr. Bernardo Gianluigi Boschi, op, meu querido “pai intelectual”, e Pe. Dr. José M. Viejo, op.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AssSeign	Assemblies du Seigneur
ABD	The Anchor Bible Dictionary
AnchBD	Anchor Bible Dictionary
AUSS	Andrews University Seminary Studies
Bib.	Biblica. Roma
BTB	Biblical Theology Bulletin
BVC	Bible et Vie Chrétienne
CahRat	Cahiers Ratisbonne
CBQ	The Catholic Biblical Quarterly
DBS	Dictionnaire de la Bible. Supplément
DSD	Dead Sea Discoveries
EncJud	Enciclopedia Judaica
ErIs	Eretz Israel
ETL	Ephemerides Theologicae Lovanienses
HTR	Harvard Theological Review
HUCA	Hebrew Union College Annual
Irén.	Irénikon
IEJ	Israel Exploration Journal
JBL	Journal of Biblical Literature
JDharma	Journal of Dharma
Jeev	Jeevadhara
JJS	Journal of Jewish Studies
JQR	Jewish Quarterly Review
JSNT	Journal for the Study of the New Testament
JSOT	Journal for the Study of the Old Testament
JTS	The Journal of Theological Studies

LA	Liber Annus
MD	La Maison-Dieu
MOBI	Le Monde de la Bible
OrSyr	L'Orient Syrien
RB	Revue Biblique
RenChrJ	Rencontre Chrétiens et Juifs
RQ	Revue du Qumran
ST	Studia Theologica
Trad.	Tradition
VT	Vetus Testamentum

INTRODUÇÃO

A Solenidade do Senhor é a denominação dada pelo livro do Levítico àquela que, segundo Flávio Josefo, é a maior e mais santa festa de Israel, ou seja, a Festa das Tendias, chamada em hebraico de *Sucot*.¹

As solenidades de *Pessach*, *Shavuot* e *Sucot* são consideradas pelo Povo da Aliança como as principais festas de Israel. Através delas, os israelitas celebram e transmitem a sua história.

A Festa de *Sucot*, assim como *Pessach* e *Shavuot*, sofreu mudanças ao longo da sua história. Contudo, *Sucot*, em particular, jamais perdeu as suas origens. Neste sentido, pode-se falar de uma evolução, através da qual os elementos originários assumem novos contextos, mantendo sua raiz. Da alegre festa cananeia de fim das colheitas, *Sucot* passa a fazer parte da vida cultural israelita como memória dos quarenta anos de caminhada pelo deserto até assumir um contexto escatológico.

A popularidade da Festa de *Sucot* permitiu a Salomão usá-la como momento propício para a consagração do Templo de Jerusalém, passando assim a existir uma íntima relação entre aquela primeira e este último, que abrirá caminho, junto com o tema da luz e da chuva, para a expectativa messiânica.

A análise diacrônica da Festa de *Sucot*, percorrendo praticamente toda a Sagrada Escritura judaica, mostra a evolução da Festa de *Sucot* e sua adaptação aos novos processos históricos de Israel sem perder sua raiz original.

Dentro do objetivo de apresentar um percurso histórico, pareceu conveniente centrar o estudo do período pré-exílico em

¹ A palavra hebraica *Sucot* (סוכות) para as línguas neolatinas apresenta certa dificuldade de tradução. No geral tende-se a traduzi-la por “Tendas”, “Tabernáculos” ou transliterá-la como *Sucot*. Diante das variedades propostas para a tradução, preferiu-se adotar a transliteração da palavra hebraica, ou seja, *Sucot*, na presente obra.

torno do relato da Consagração do Templo de Jerusalém, presente em 1Rs 8 (primeiro capítulo); continuando com o período pós-exílico centrado em torno da profecia de Zc 14 (segundo capítulo). Dessa forma, nasce o tema “A história da Festa de *Sucot*”. Os textos extrabíblicos fornecem rico material, que auxilia na compreensão desta solenidade no decorrer da história bíblica (terceiro capítulo).

A Festa de *Sucot* é uma marca indelével para Israel, por meio da qual se pode narrar a própria história do Povo da Aliança. Tal marca se pode evidenciar no cristianismo, principalmente na sua liturgia. Contudo, em âmbito cristão a presença de *Sucot* é ofuscada pelas Festas da Páscoa e Pentecostes.

Reler a história da Festa de *Sucot* é reler a própria História de Israel. Conhecer a Festa de *Sucot* é percorrer a história de um povo chamado pelo Senhor Deus a ser sua particular predileção através da Aliança. Este povo, em suas aventuras e desventuras, jamais foi abandonado, mas sempre foi chamado a subir para Jerusalém, para alegrar-se e se fazer ver pelo Deus de Israel.

1

A FESTA DE SUCOT DURANTE O PERÍODO PRÉ-EXÍLICO

1. A Festa de *Sucot* no Pentateuco

A Torá dedica atenção especial às festas de Israel. Com exceção do livro do Gênesis, todos os demais escritos fazem menção às celebrações festivas de Israel. Entre as prescrições festivas encontram-se características e normas para a celebração da Festa de *Sucot*. Neste capítulo procura-se evidenciar as características desta solenidade a partir do Pentateuco e dos Livros Históricos. O foco situa-se na Festa de *Sucot* anterior ao exílio da Babilônia.

1.1. A Festa de *Sucot* em Ex 23 e 34

No livro do Êxodo encontramos prescrições referentes às solenidades do Senhor. Os relatos de Ex 23 e 34 apresentam prescrições referentes ao repouso do sétimo dia (= sábado) e às três solenidades anuais da Festa dos Ázimos, da Festa da Messe (23,16) ou Semanas (34,22) e da Festa da Colheita. Essas festas prescrevem que todo israelita do sexo masculino deve apresentar-se diante do Senhor portando as primícias, sendo proibido, portanto, apresentarem-se de mãos vazias.

Os textos relativos à Festa de *Sucot* presentes no livro do Êxodo fazem menção apenas à obrigação de, anualmente, apresentar-se perante o Senhor Deus de Israel, “ao final do ano” (Ex 23) ou durante “a passagem do ano” (Ex 34), para celebrar a Festa da Colheita. O texto de Tradição Eloísta de Ex 23 difere, ainda, do texto Javista de Ex 34 enquanto ordena celebrar a Festa da Colheita no

fim do ano, “quando recolheres dos campos o fruto dos teus trabalhos” (23,16).¹ Isto é uma evidência, segundo McRae, de que o ano tinha o seu início durante o outono.² Segundo Ulfgard, existe um conflito entre os dois relatos, revelando a existência de dois sistemas de calendários. Ex 23 está dentro do sistema de calendário com orientação agrária, com o ano-novo no outono, enquanto o segundo sistema, presente em Ex 34, direciona o ano-novo para a primavera.³ O segundo sistema de calendário é tardio e exalta a Festa dos Ázimos.⁴ Contudo, a divergência de calendários demonstra, por outro lado, uma influência do calendário babilônico, com o ano-novo na primavera, que, por sua vez, reflete uma mudança política no ambiente bíblico que teve lugar com o exílio da Babilônia.⁵ Ulfgard aponta ainda que o processo de historização das festas israelitas tem como função expressar a identidade judaica. O autor bíblico faz coincidir a Festa de *Pessach* (=Páscoa) com a solenidade do ano-novo babilônico para enfatizar o caráter judaico, em oposição à supremacia babilônica.⁶ No geral, Ulfgard aponta para a questão do calendário bíblico como uma problemática político/ideológica influenciando nas mudanças de ordem cultural, político e religioso de Israel, no período pós-exílico.

Vicent,⁷ por sua vez, aborda a questão da Festa de *Sucot*, em Ex 23 e 34, aprofundando o vocabulário festivo presente nestes textos. A primeira expressão que Vicent evidencia é a palavra “*hag*”, que o autor traduz por “peregrinação”. Segundo Vicent, o fim do período agrícola com a vindima era unido com uma festa popular acompanhada de algum rito religioso oficial. Neste sen-

¹ A expressão “passagem do ano” de Ex 34 aparecerá novamente apenas em 2Cr 24,23, podendo demonstrar que Ex 34 é fruto de uma redação tardia.

² G. W. McRae, “The Meaning and Evolution of the Feast of Tabernacles”, in CBQ 22 (1960) 253.

³ H. Ulfgard, *The Story of Sukkot*, 79.

⁴ H. Ulfgard, *The Story of Sukkot*, 77.

⁵ H. Ulfgard, *The Story of Sukkot*, 80.

⁶ H. Ulfgard, *The Story of Sukkot*, 80.

⁷ R. Vicent, *La Festa Ebraica delle Capanne (Sukkot)*.

tido, o calendário festivo de Israel pode ser fruto de uma síntese de diversas tradições locais; em tal caso a Festa da Colheita que se realizava em Siquém teria sido unida à Festa do Outono em Silo (1Sm 1,3), e a única festa anual teria sido estendida ou dividida em três, possivelmente durante o período dos juízes, pelo fato de que o Senhor ampliara as terras de Israel (Ex 34,24).⁸

A intenção fundamental da festa é “*comparecer diante do Senhor*” para honrá-lo. A partir deste fato, o autor desvia o caráter puramente agrícola para uma visão teológica da festa e, ao mesmo tempo, evita possíveis comparações entre as festas e os cultos estrangeiros. O autor do livro do Êxodo usa uma construção redacional na qual o peregrino não vai ao santuário para ver a face de Deus, mas para ser visto pela face de Deus: “...*comparecerá perante o Senhor Deus*”. O apresentar-se diante do Senhor implica, ainda, reconhecer a soberania do Senhor sobre Israel. Talvez seja neste sentido a obrigatoriedade de o homem israelita apresentar-se, reafirmando assim a Aliança estabelecida no Sinai.

O apresentar-se diante do Senhor deve ser acompanhado pela oferta pessoal. No contexto de Ex 34, a oferta tem a função de resgate: “*Todo o que sair por primeiro do seio materno é meu... Resgatarás todos os primogênitos... Não comparecerás diante de mim de mãos vazias*” (vv. 19.20). Por outro lado, a proibição de comparecer diante do Senhor com mãos vazias implica prever a necessidade dos pobres, como se pode observar no relato de Ex 23.⁹ A proibição de comparecer diante do Senhor com as mãos vazias pressupõe, ainda, a abundância de bens em condições de partilhar e a retribuição ao Senhor, como reconhecimento de que os bens obtidos são fruto das bênçãos do próprio Deus.¹⁰

1.2. A Festa de Sucot em Lv 23

Lv 23 é um texto de Tradição Sacerdotal, que deve ter sido elaborado em diferentes fases. Mesmo admitindo uma composição

⁸ R. Vicent, La Festa Ebraica delle Capanne (Sukkot), 25-26.

⁹ R. Vicent, La Festa Ebraica delle Capanne (Sukkot), 27.

¹⁰ R. Vicent, La Festa Ebraica delle Capanne (Sukkot), 27.

pós-exílica, é inegável a presença de material antigo.¹¹ O texto de Levítico segue o calendário babilônico,¹² com o ano-novo começando na primavera¹³

O texto de Lv 23, por sua vez, denomina a Festa de *Sucot* como Festa do Sétimo Mês, que se deve celebrar a partir do décimo quinto dia deste mês durante sete dias mais um. O texto sacerdotal de Lv 23 apresenta duas festas adicionais, ambas celebradas também no sétimo mês: *Rosh Hashana* e *Yom Kippur*.¹⁴ O texto está inserido dentro do código de santidade, e a festa se articula entre estas duas solenidades, o primeiro dia do sétimo mês é uma assembleia santa e repouso, e no décimo é celebrado o Dia da Expição, seguido pela Festa de *Sucot* no décimo quinto dia. Um dado importante é que nos versículos seguintes o autor, que anteriormente havia chamado a festa com o nome de *Sucot*, agora apenas fala de celebrar anualmente a “Festa do [para o] Senhor” (הַגָּדֹל לַיהוָה) durante sete dias (vv. 39.41), sem nominá-la.

Uma novidade de Lv 23 é a descrição de uma santa assembleia no oitavo dia.¹⁵ Outra novidade do texto do Levítico é a obrigação de habitar em cabanas/tendas durante sete dias, de

¹¹ G. W. McRae, “The Meaning and Evolution of the Feast of Tabernacles”, 256.

¹² O calendário babilônico segue o sistema lunissolar, que fixa com precisão as datas das celebrações.

¹³ G. W. McRae, “The Meaning and Evolution of the Feast of Tabernacles”, 257.

¹⁴ G. W. McRae, “The Meaning and Evolution of the Feast of Tabernacles”, 258.

¹⁵ K. W. Weyde dedica todo um estudo aos temas do “oitavo dia” e “santa assembleia”. O primeiro problema enfrentado é a relação entre as expressões “עֲצֵרֶת” e “מִקְרָא קֹדֶשׁ” em Lv 23,36 aplicado a *Sucot* e em Dt 16,8 aplicado a *massot*. Autores como Cholewinski, segundo Weyde, sugerem tratar-se de uma exaltação de *Sucot* em relação a outras duas festas em Lv 23. Outra questão aborda até que ponto se pode dizer que o oitavo dia é uma festa (*bag*). Outro problema enfrentado é o uso de “עֲצֵרֶת” em relação a textos como de Jl 1,14; 2,15, no qual o sétimo mês e oitavo dia indicariam tempo de julgamento divino, principalmente com relação às chuvas. Weyde conclui dizendo que o oitavo dia é uma inserção do período exílico e tinha a função dar ênfase à festa do sétimo mês (K. W.

onde provém o nome da festa (*sucot*), como memória perpétua do período do deserto, no qual o Senhor fez os israelitas habitarem em tendas/cabanas (vv. 42-43). Outra característica é o uso de frutos formosos e ramos de palmeiras, de árvores frondosas e de salgueiros para se regozijar diante do Senhor durante os sete dias da festa (v. 40).

1.3. A Festa de Sucot em Nm 29

O relato sacerdotal de Nm 29,12-38 apresenta uma ampla e detalhada prescrição de sacrifícios diários a serem oferecidos durante a Festa de *Sucot*. O relato não faz menção ao uso de ramos ou habitação em cabanas/tendas, como o apresentado em Lv 23. A prescrição de ofertas para o Senhor é mantida, bem como a referência à assembleia ao oitavo dia. A data segue o padrão do Levítico, ou seja, a partir do décimo quinto dia do sétimo mês. Uma particularidade é que a festa (v. 12), como em Lv 23,39.41, é também chamada de “Festa do [para o] Senhor” (תַּגֵּן לַיהוָה). Ulfgard, no entanto, sublinha que a expressão “Festa do Senhor” não é sinônimo de Festa de *Sucot*, tendo em vista que a expressão aparece em relação às outras solenidades (Ex 12,14; 13,6; 32,5; Lv 23,6 e Dt 16,10).¹⁶ Mas, por outro lado, as referências constantes de datas nos permitem identificar a expressão como a Festa de *Sucot*. O relato do Levítico está em relação com a ordem de celebrar em Esd 3,4. Pode-se dizer, segundo Ulfgard, que o relato de Nm 29 é uma descrição da Festa de *Sucot*, exclusivamente direcionada ao Templo pela estrita referência aos sacrifícios, excluindo, quase por completo, uma expressão popular durante a solenidade.¹⁷ Além do relato de Nm 29, outra prescrição estritamente legislativa poderá ser encontrada somente nos relatos de Ez 45-46 e no Rolo do Templo da Biblioteca de Qumrã que estão em paralelo com o relato dos Números.

Weyde, *The Appointed Festivals of Yhwh*); G. W. McRae, “The Meaning and Evolution of the Feast of Tabernacles”, 258-259.

¹⁶ H. Ulfgard, *The Story of Sukkot*, 89-90.

¹⁷ H. Ulfgard, *The Story of Sukkot*, 90.

O relato de Nm 29 não apresenta sinais de influência ideológica ou processo de historização. Para Ulfgard, o relato de Nm 29 é sem dúvida pós-exílico.¹⁸ O relato de Nm 29 acentua fortemente o Templo. O foco sacerdotal, diferente do popular, presente em outros relatos do Pentateuco, demonstra uma tensão entre correntes diversas do judaísmo pós-exílico.¹⁹

1.4. A Festa de Sucot em Dt 16,13-16 e 31,9-13

Dt 16 faz parte das fontes primárias do Deuteronômio. As grandes festas anuais são confirmadas e integradas na nova perspectiva religiosa, em torno da fidelidade à Aliança.

O texto de Dt 16 retoma o nome de Festa de *Sucot* (חַג הַסּוּכּוֹת) de Lv 23 como aparecerá no relato de Esd 3,4. A Festa deve ser celebrada “*após ter recolhido o produto da tua eira e do teu lagar*” (v.13) durante sete dias (vv. 13.15), não especificando a partir de que mês. O autor de Dt 16 desconhece o acréscimo do oitavo dia com santa assembleia, como encontramos em Levítico e Números. O texto faz referência ao caráter alegre da festa e a obrigação da participação de todos que moram na cidade indistintamente (filhos, servos, levitas, estrangeiros, órfãos, viúvas...: v. 14). A obrigação de apresentar-se diante do Senhor e a proibição de apresentar-se com mãos vazias são mantidos (vv. 16-17), bem como o clima de alegria familiar e social da festa e a sua centralidade em Jerusalém.

Uma particularidade importante de Dt 16 é a não prescrição de preceitos culturais, tais como sacrifícios, em direta oposição com Nm 29, que gira somente em torno do aspecto sacrificial da festa. Característica da Tradição Deuteronomista é a ênfase no aspecto coletivo, da comunidade reunida, que se abre também para o estrangeiro, diferente de Lv 23, que é restrito aos israelitas.²⁰

¹⁸ H. Ulfgard, *The Story of Sukkot*, 91.

¹⁹ H. Ulfgard, *The Story of Sukkot*, 91.

²⁰ H. Ulfgard, *The Story of Sukkot*, 93; G. W. McRae, “The Meaning and Evolution of the Feast of Tabernacles”, 256.

O relato de Dt 31,9-13, possivelmente pós-exílico,²¹ apresenta Moisés prescrevendo aos sacerdotes levitas, que transportavam a Arca da Aliança do Senhor e a todos os Anciãos de Israel, a obrigação de apresentarem-se diante do Senhor a cada sete anos durante a Festa de *Sucot* no lugar que Deus escolher, a fim de proclamar a Lei a todo israelita. A finalidade de tal ato é que todos, homens, mulheres, crianças e estrangeiros aprendam e ponham em prática a Lei do Senhor. Tal mandamento será observado em Ne 8, quando Esdras fará a leitura pública da Lei, e se procederá a solenidade da Festa de *Sucot*, com o uso de ramos, construção de cabanas e assembleia solene ao oitavo dia. Contudo, a tradição posterior, contida no livro dos Jubileus e em Qumrã, liga as recordações da Aliança à Festa das Semanas (*Shavuot* = Pentecostes).

Com Dt 31,9-13, o redator deuteronomista leva às últimas consequências a sua perspectiva de centralidade da Lei e Aliança. Nesta perícopé Moisés não só falou, mas também “*escreveu... esta Lei*”, que deverá ser lida a cada sete anos, durante *Sucot*, com finalidade didática: proclamar, escutar e aprender. O relato de Dt 31,9-13 reflete a consciência israelita cuja identidade social e religiosa restará sempre marcada pela leitura da Torá.

A expressão “*no fim de cada sete anos* – מִקֵּץ שֶׁבַע שָׁנִים” (Dt 31,10) conectada com a Festa de *Sucot* indica um ano-novo, no outono, seguindo a antiga cronologia bíblica, e não na primavera, conforme o posterior calendário babilônico.²²

1.5. A Festa de *Sucot* no Pentateuco

No geral, pode-se afirmar que não existe quase nenhum elemento comum entre os diversos relatos a respeito da Festa de *Sucot* (Ex 23; 34; Lv 23; Nm 29 e Dt 16; 31,9-13). Existe apenas uma característica que forma o fio condutor entre estes diversos

²¹ R. Martin-Achard, “Sukkot”, in DBS 72, 44: “Passagem considerada secundária, cuja interpretação... estabelece explicitamente relação entre a Festa de *Sucot* e a leitura da Lei”.

²² H. Ulfgard, *The Story of Sukkot*, 93.

relatos, com exceção de Nm 29:²³ o caráter agrícola da festa, que permanecerá durante o decorrer dos séculos como um elemento distintivo da Festa de *Sucot*.²⁴

As demais características variam de livro para livro do Pentateuco. Quanto à data da festa, os textos do Êxodo apenas especificam “*passagem de ano*” e “*fim do ano*”, e os demais textos são concordes em afirmar o “15^o dia do 7^o mês”. A duração da festa também varia. Em geral, os textos falam de sete dias mais um, que é o oitavo (Lv 23; Nm 29; Dt 16). Quanto ao nome da festa, também aqui não temos um fio condutor. A obra do Êxodo usa a expressão “*Festa da Colheita*” (תּוֹבֵחַ הַקָּצִיר), enquanto Levítico e Deuteronômio preferem a expressão “*Festa de Sucot*” (תּוֹבֵחַ הַסּוּכוֹת). Uma particularidade é Lv 23, que junto com a expressão “*Festa de Sucot*” também usa “*Festa do Senhor*”. Tanto Êxodo como Deuteronômio acenam para o fato de que todo homem de Israel deve comparecer três vezes ao ano diante do Senhor portando as melhores primícias, sendo proibido comparecer diante do Senhor de mãos vazias. Os textos de Levítico e Números falam, ainda, de assembleia santa e ofertas de sacrifícios diários. Lv 23 ordena o uso de ramos e habitar em cabanas durante sete dias, como memória da saída do Egito e caminhada do deserto.

Os relatos da Festa de *Sucot*, no Pentateuco, apenas afirmam a obrigação da celebração anual desta festa, junto com as outras duas, Páscoa e Pentecostes, respectivamente. Nos relatos que sucedem o Pentateuco encontraremos a Festa em relação com a vida pública de Israel.

2. A Festa de *Sucot* nos Livros Históricos

2.1. A Festa de *Sucot* no livro dos Juízes

O livro dos Juízes narra os primórdios do Povo de Israel na Terra Prometida, período que vai de Moisés a Davi. É o tempo

²³ Se não levarmos em conta o que o autor deseja transmitir com a expressão “nenhuma obra servil” (Nm 29,12).

²⁴ R. Martin-Achard, “Sukkot”, 43.

marcado pela constituição das doze tribos de Israel, organizadas politicamente em torno da Liga Tribal sob a assistência dos juízes, que eram lideranças populares suscitadas por Deus para responderem as questões internas e externas da jovem nação. Portanto, o relato dos Juízes acentua o período de transição e estabelecimento. Entre os desafios internos da jovem nação encontra-se a relação com os povos que habitavam na terra antes da conquista. Na raiz do Povo Eleito encontra-se um povo nômade, que caminha sob a assistência do Senhor. Na Terra Prometida este povo nômade torna-se sedentário e vinculado à vida agrícola, cuja divindade cananea era justamente Baal, um deus sedentário protetor das colheitas. Isso gera um impacto sobre o Povo de Israel. Neste contexto, as festas israelitas (*Pessach*, *Shavuot* e *Sucot*) estão vinculadas à vida agrícola. Sob esta perspectiva é que deve ser analisada a Festa de *Sucot* no relato dos Juízes.

Os relatos dos Juízes induziram antigos autores a pensarem que a Festa de *Sucot* possuísse alguma relação com o culto de Dionísio/Baco (Plutarco, *Quæstiones Convivales*,²⁵ IV,6) ou uma festa em honra de Adônis-Osíris, mas tais hipóteses não possuem consistência segundo Martin-Achard,²⁶ isto porque a vida cultural de Israel é influenciada em um primeiro momento pela vida cultural de Canaã.

Martin-Achard,²⁷ no seu artigo sobre a Festa de *Sucot*, comenta a festa a partir de dois momentos distintos: (a) festa cananea de outono e (b) Tradição Deuteronomista. No primeiro ponto o autor apresenta a existência de uma festa sazonal cananea ligada à colheita (Jz 9,27). Martin-Achard, partindo da reflexão de Soggin, fala que Jz 21,19-23 faz referência a uma festa realizada anualmente no santuário central de Silo, caracterizada por danças, que Dhorme considera ser uma festa do vinho.²⁸ McRae argumenta que, “*como duas primeiras festas, Sucot não é uma instituição*

²⁵ Para uma breve apresentação da Festa de Dionísio/Baco, ver R. Martin-Achard, “Sukkot”, pp. 45-48.

²⁶ R. Martin-Achard, “Sukkot”, 43.

²⁷ R. Martin-Achard, “Sukkot”, 40-56.

²⁸ R. Martin-Achard, “Sukkot”, 42.

originalmente israelita".²⁹ Segundo McRae, os israelitas quando entraram em Canaã encontram, entre outros, uma festa nativa, que celebrava o fim da temporada agrícola. Esta festa teria sido adotada e transformada em festa para o Senhor.³⁰ Kraus, segundo McRae, recusa a possibilidade de que a Festa de *Sucot* tenha surgido a partir da influência cananeia. Kraus procura a real origem de *Sucot* em uma possível Festa da Tenda da Reunião durante o período nômade. Contudo, a relação entre o período nômade e sedentário de Israel não é, ainda, totalmente clara.³¹

2.2. Do Sinai a Sião

O relato da Consagração do Templo de Jerusalém em 1Rs 8 estabelece uma estreita ligação que parte do movimento do Êxodo, passando pela época dos juízes, com o santuário de Silo, até chegar a Sião. O objetivo do autor é demonstrar que o Templo de Jerusalém é o legítimo herdeiro das tradições históricas de Israel por possuir como principal referência a Arca da Aliança, que agora, chegando ao Templo de Jerusalém, chega definitivamente "*ao seu lugar*". Há aqui um senso de conclusão de todo o movimento do Êxodo e, ao mesmo tempo, um senso de continuidade como povo sacerdotal na Terra Prometida junto com o seu Deus.

2.2.1. Tradição do Deserto

Alguns temas presentes no relato de 1Rs 8 estabelecem um estreito vínculo com a Tradição do Deserto. O autor de 1Rs 8 intencionalmente evoca temas da Tradição do Deserto. Algumas expressões são fortemente carregadas e apontam diretamente para tal contexto. Frisch fala de referências explícitas e implícitas dentro de 1Rs 1-14³²

²⁹ G. W. McRae, "The Meaning and Evolution of the Feast of Tabernacles", 251 e 259; cf. E. Kutsch, "Sukkot" in *EncJud* XV, 496.

³⁰ G. W. McRae, "The Meaning and Evolution of the Feast of Tabernacles", 251.

³¹ G. W. McRae, "The Meaning and Evolution of the Feast of Tabernacles", 260.

³² A. Frisch, "The Exodus Motif in 1 Kings 1-14", in *JSOT* 87 (2000), 4.

O relato da consagração do Templo de Jerusalém é inserido durante o reinado de Salomão (± 961-922 a.C.). 1Rs 6,1³³ nos informa que as obras do Templo iniciaram no quarto ano do reinado de Salomão, exatamente 480 anos³⁴ após a saída dos israelitas do Egito (6,1.37), e foram concluídas sete anos após o seu início (v. 37).

O redator de 1 Reis intencionalmente vincula o relato do Templo com a Tradição do Êxodo. Este vínculo quer provar que o Templo de Jerusalém é o legítimo herdeiro da Tradição do Deserto, bem como está em perfeita continuidade com esta. Assim como a Tenda do Deserto, junto com a Arca da Aliança e todos os objetos sagrados, manifestava a presença protetora divina do Senhor sobre o povo peregrino no deserto, o Templo representa esta mesma presença divina, agora em modo estável, como conclusão do Êxodo e estabelecimento na Terra Prometida. O Templo surge como a conclusão de todo o movimento de libertação da escravidão no Egito, a caminhada no deserto e a posse da Terra Prometida. O Templo aparece assim como o ápice de todo o processo que se iniciou com a saída do Egito.³⁵

³³ Existem muitas divergências entre as versões MT e LXX dos Livros dos Reis, tanto de acréscimos quanto de omissões em ambas as versões, o que nos obriga a ter muita cautela na escolha de uma ou outra versão. Existem vários artigos dedicados a estes problemas, entre eles podemos citar: D. W. Gooding, "Temple specifications: a dispute in logical arrangement between the MT and the LXX", in VT 17 (1967) 143-172. W. M. Schniedewind, "Notes and Observations Textual Criticism and Theological Interpretation: The Pro-Temple Tendenz in the Greek Text of Samuel-Kings", in HTR 87 (1994) 107-116.

³⁴ G. Galil, "The Chronological Framework of the Deuteronomistic History", in Bib. 85 (2004) 413-421. O autor, partindo de 1Rs 6,1, analisa o problema cronológico relativo aos 480 anos desde a saída dos israelitas do Egito até o início da construção do Templo de Jerusalém. Após descartar as propostas sugeridas para 1Rs 6,1, propõe um esquema seguindo três fases: (1) a cronologia desde o início e o fim do Êxodo até o estabelecimento do Templo; (2) a cronologia do período entre Cushan-rishathaim até a opressão filisteia; (3) a relação entre os dois períodos. Segundo o esquema de Galil, teríamos 40 anos de Moisés no deserto, 40 anos de Josué, 314 do período dos juízes, 40 anos de Samuel, 2 de Saul, 40 anos de Davi e 4 de Salomão.

³⁵ A. Frisch, "The Exodus Motif in 1 Kings 1-14", 6.

No livro do Êxodo, o Senhor surge como aquele que veio libertar o seu povo da opressão do Egito “*para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel*” (Ex 3,8.17). O pedido que deve ser feito ao faraó é que este permita que o povo possa partir pelo caminho de três dias de marcha pelo deserto para sacrificar ao Senhor (Ex 3,18). Após a libertação do Egito, o Canto de Vitória (Ex 15) deixa transparecer que o lugar do sacrifício possa ser o próprio Templo de Jerusalém,³⁶ quando afirma que os israelitas serão plantados sobre a montanha, lugar da residência do próprio Senhor. Talvez aqui se trate de uma glosa posterior inserida no canto, pois o v. 18 acena para o tema da realeza do Senhor, quando afirma que “*o Senhor reinará para sempre e eternamente*”. Em todo caso, a referência aos 480 anos desde a saída do Egito é “um marco temporal”³⁷ cuja função é estabelecer conexão entre os dois eventos, ou seja, o serviço ao Senhor no Monte Sinai e no Templo de Jerusalém³⁸ presente em Ex 3,12 “*quando fizeres sair do Egito, vós servireis a Deus nesta montanha*”. A referência à montanha é prenúncio de Jerusalém. O texto do Êxodo falará mais adiante durante o canto de vitória: “*Tu os conduzirás e plantarás sobre a montanha,... lugar onde fizeste,... a tua residência, santuário... o Senhor reinará para sempre e eternamente*” (Ex 15,17-18). Contudo, pode-se perguntar se o local onde Israel servirá ao Senhor é Silo ou Jerusalém, tendo em vista que, quando os israelitas entraram na Terra Prometida, eles estabeleceram a Tenda da Reunião com a Arca da Aliança em Silo. Lá esta permaneceu até que Davi a trasladou para a “sua cidade”, ou seja, Sião, a Cidade de Davi (1Rs 8; 2Sm 5,4.6ss; 6,1ss). Mas devemos levar em consideração que é sempre e a mesma Terra Prometida, não sendo um problema *a priori* o lugar no qual se encontra.

No relato de 1Rs 8, o autor narra que “*Salomão e todo o Israel com ele e toda a comunidade de Israel... sacrificaram diante*

³⁶ Ex 15,17-18: “*Tu os conduzirás e plantarás sobre a montanha, a tua herança, lugar onde fizeste, oh Iahweh, a tua residência, santuário, Senhor, que as tuas mãos prepararam. Iahweh reinará para sempre e eternamente*”.

³⁷ A. Frisch, “The Exodus Motif in 1 Kings 1-14”, 6.

³⁸ A. Frisch, “The Exodus Motif in 1 Kings 1-14”, 6.

da Arca”. Isto nos chama a atenção, se considerarmos que o rito da oferta de sacrifícios cabe aos sacerdotes e não ao “homem comum”. Porém, podemos levar em consideração o relato da Aliança em Ex 19, no qual encontramos a passagem em que o Senhor estabelece que através da Aliança os israelitas tornar-se-ão um reino de sacerdotes, uma nação santa (Ex 19,6). Podemos conceber que o ato de sacrificar presente em 1Rs 8,5 quer manifestar esta realeza sacerdotal, confirmando a Aliança estabelecida com o Senhor. Por outro lado, sendo uma nação sacerdotal, em estrito senso, não haveria a necessidade de uma casta sacerdotal, pois todos se ocupariam da função exclusiva dos sacerdotes. Além disso, deve-se sublinhar que Israel, desde a sua origem nômade no deserto, foi acompanhado por uma casta sacerdotal responsável pelo serviço cultural do Senhor. Leva-se em conta que, em Ex 5,1, Moisés pede permissão ao Faraó para conduzir o povo ao deserto para “celebrar uma festa” para o Senhor.

Outro dado que podemos verificar é que, em Ex 19, Moisés é o líder e faz-se mediador entre o Senhor e o Povo de Israel durante o estabelecimento da Aliança. No relato da Consagração do Templo, é o próprio Salomão, claro no seu papel de rei, que convoca, sacrifica, junto com o povo, reconhece e afirma a presença divina e faz as orações e súplicas. Podemos dizer que Salomão assume as prerrogativas de Moisés como guia do povo e mediador entre Deus e os israelitas. Por outro lado, podemos perguntar: caberia ao rei a função de abençoar? Anteriormente já acenamos para o exercício sacerdotal do povo e aqui mais claramente do rei. Os textos bíblicos, no entanto, demonstram o rei exercendo a função sacerdotal dentro do “seu” templo, como podemos perceber na crítica de Amós ao santuário de Betel e a resposta de Jeroboão proibindo aquele de profetizar em Betel, por se tratar de um santuário do rei e templo do reino (Am 7,13).

2.2.2. Tradição de Silo

Após a entrada na Terra Prometida, a Arca, a Tenda e os objetos sagrados foram estabelecidos em Silo, que se tornará o

santuário central de Israel (Js 18,1).³⁹ Após a conquista da Terra Prometida, a sua divisão entre as doze tribos de Israel se deu justamente em Silo, à entrada da Tenda da Reunião, na presença do Senhor (Js 18,1-19,51).

A Tradição de Silo está ligada diretamente à do deserto quanto à vida cultural dos israelitas. Silo, durante o período pré-monárquico, abarca e reelabora as tradições nômades do deserto, como da Tenda (Js 18,1; 19,51b; 22,19.29; 1Sm 2,22b; Sl 78,60.67), da Arca da Aliança (1Sm 3,3; 4,4-6; 14,18), do sacerdócio de Aarão (Js 19,51b; 21,1-2; 22,12-13.30-32; 24,33; 1Sm 1-4), do altar (Js 22,9-34) e do *'ephod* (1Sm 14,3).

Os livros de 1 Samuel e Juízes fazem referências a uma festa anual celebrada em Silo, que segundo De Vaux trata-se justamente da Festa de *Sucot*.⁴⁰ A referência de ambos os livros é de uma festa agrícola e alegre, em que, possivelmente, alguns chegavam a embriagar-se com o vinho novo, como se pode sentir no diálogo entre Ana e Eli em 1Sm 1,14-15. Segundo o livro dos Juízes, a festa era acompanhada por danças e existia alguma tradição, possivelmente de Canaã, de os rapazes raptarem moças para casamento, como no relato do rapto de moças de Silo pelos benjaminitas (Jz 21,19-21). Quanto ao nome da festa, o autor sagrado apenas faz referência a uma anual celebrada em honra do Senhor,

³⁹ D. G. Schley, *Shiloh, A Biblical City in Tradition and History*, JSOTs 63, Sheffield Academic Press 1989, 94-97. A centralidade do santuário de Silo em período pré-monárquico é tema de debate entre os exegetas. O problema central é quanto à possibilidade de uma centralização de culto em período pré-monárquico. O status de santuário central implicaria uma centralização do culto ou seria uma retroprojeção da centralização cultural de Josias? O debate gira em torno de duas posições: (a) a centralização cultural é uma realidade tardia na vida cultural de Israel (Wette, Vatke, Graf e Wellhausen); (b) a centralização cultural é um fenômeno mais antigo em Israel, que pode remontar ao período pré-monárquico, tendo em vista que a Tradição Sacerdotal (P) possui tradições das origens de Israel (Delitzsch, Kleinert, Kaufmann). Noth por sua vez aponta que a Arca da Aliança é a referência para uma “centralização” cultural já em período pré-monárquico.

⁴⁰ R. De Vaux, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, Ed. Teológica e Paulus, São Paulo 2003, 532.

chamada apenas de Festa do Senhor (Jz 21,19). Além da dança das moças nos vinhais, o livro de 1 Samuel faz menção à oferta de sacrifícios e de ceia com comidas e bebidas, que gerava embriaguez (1Sm 1,13).

Os textos sagrados expressam um profundo silêncio sobre a vida cultural de Israel durante o período de Silo. Temos referências às tradições do deserto, mas não se sabe muito da prática cultural. Encontramos somente referência a esta Festa anual dedicada ao Senhor. Não existe unanimidade entre os exegetas a respeito desta festa anual celebrada em honra do Senhor. De Vaux afirma que as descrições feitas em Jz 21,19 e 1Sm 1,3 correspondem de fato à Festa de *Sucot* em sua origem,⁴¹ enquanto Schley, seguindo Hengstenberg,⁴² acredita tratar-se da Festa da Páscoa.⁴³ Contudo, a maioria dos exegetas, assim como De Vaux, tendem a identificar a expressão “Festa do Senhor” em Jz 21,19 e 1Sm 1,3 com a Festa de *Sucot*.⁴⁴

O texto de Jz 21,19 possui algumas particularidades que nos chamam a atenção. Em primeiro lugar o fato de fazer uma referência a uma determinada festa, que parece não fazer parte da tradição comum de Israel. Este fato levou alguns autores a suspeitar ainda de que, na origem, se tratasse de alguma festa de Canaã, que foi assumida pela tradição cultural de Israel. Mowinkel e Volz partem do pressuposto de que a festa do ano-novo babilônico tenha influenciado a vida cultural de Israel. Contudo, o Antigo Testamento não faz nenhuma menção à celebração de alguma festa de ano-novo. A Festa de *Sucot*, mesmo possuindo um cunho agrícola, próprio da sua origem, como gratidão ao Senhor pela colheita obtida e súplica pelo próximo ano agrícola, jamais se configurou como sendo uma festa de ano-novo aos moldes do Antigo Oriente e, em particular, dentro da tradição cultural de Canaã, que celebrava a morte e renascimento de Baal através

⁴¹ R. De Vaux, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, 531.

⁴² D. G. Schley, *Shiloh, A Biblical City in Tradition and History*, 22.

⁴³ D. G. Schley, *Shiloh, A Biblical City in Tradition and History*, 194.

⁴⁴ R. De Vaux, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, 531; R. Vicent, *La Festa Ebraica delle Capanne (Sukkot)*, 22.

dos ciclos da natureza. Há uma diferença dizer, de um lado, que a vida cultural de Israel absorveu traços de vida cultural de Canaã e, do outro, que Israel assumiu a vida cultural de Canaã na sua totalidade, com uma nova roupagem.⁴⁵ Além do mais, Pedersen e Hvidberg defendem a ideia de que o esquema de vida e morte de uma divindade, como Baal, jamais fez parte do credo israelita, que tinha no Senhor tanto o Deus libertador da escravidão do Egito quanto o criador do céu e da terra. Uma concepção cíclica das coisas não fazia parte da fé de Israel, que via Deus criando, libertando e conduzindo a história para um *continuum* e não para um eterno retorno.⁴⁶

O texto de 1Sm 1-3 não nos permite identificar com precisão com qual festa o autor relaciona a peregrinação anual de Elcana e Ana. Alguns traços apresentados nos permitem evidenciar, indiretamente, as origens da Festa de *Sucot*. A primeira característica é uma possível embriaguez de vinho por parte de Ana (1Sm 1,13-14). Para alguns exegetas (Kennedy, Mowinckel, Bourke e de Vaux), a peregrinação anual seria a Festa das Colheitas em suas raízes, como descrito no código legal de Ex 34,18-24; 23,15-17. O segundo ponto de vista, defendido por Budde, apresenta uma notável interpretação. O autor defende a ideia de que Silo tenha sido um santuário local de Elcana como um sufita (1Sm 1,1) antes da sua família migrar para Ramá. Por isso, anualmente, Elcana e sua família faziam uma peregrinação a Silo para celebrar a Festa das Colheitas. A última hipótese, defendida por Haran, é de que a festa descrita em 1Sm 1 não é nacional como um todo, mas familiar, privada; para isso, alega que não aparece no texto a palavra “חַג / *hag*”, que identificaria uma festa israelita.⁴⁷

Independente dos pontos de vista diferentes, se pode verificar uma Festa celebrada em relação ao santuário de Silo que continha a Arca da Aliança e a Tenda do Deserto. Não sabemos como foi

⁴⁵ A Bentzen, “The Cultic use of the Story of the Ark in Samuel”, in JBL 67 (1948) 38-39.

⁴⁶ A Bentzen, “The Cultic use of the Story of the Ark in Samuel”, 38-39.

⁴⁷ J. T. Willis, “Cultic elements in the story of Samuel’s birth and dedication”, in ST 26 (1972) 57.

a vida cultural ou festiva do período do deserto e como esta foi vivida durante o período de Silo. Diante disto, abrem-se duas possibilidades: a primeira seria que os hebreus, ao entrarem na Terra Prometida, trouxeram alguma celebração do deserto e esta sofreu influência das tradições de Canaã; a segunda seria que os hebreus receberam de Canaã as tradições festivas/culturais adequando-as à sua religiosidade. Em todo caso, nota-se pela tradição bíblica que, tendo ou não surgido as festas de Israel de Canaã, estas possuíam características próprias.

2.2.3. Os primórdios da monarquia

Após a conquista da Terra Prometida e a divisão desta nas doze tribos de Israel, tais comunidades passaram a ser regidas por regime de lideranças carismáticas e pelos chefes de famílias. As lideranças carismáticas surgiam espontaneamente e respondiam a necessidades emergentes das comunidades, como o perigo de uma invasão e guerra. Claro que tal sistema governativo trazia problemas sociais, pois tornava as tribos de Israel vulneráveis em relação aos outros povos, bem como não permitia um desenvolvimento econômico e urbanístico ao modelo dos seus vizinhos, que possuíam sistema monárquico de governo. A ascensão de Saul surge dentro dessa perspectiva. Contudo, Israel deveria afrontar outro problema: qual era o legítimo Rei de Israel, o Senhor ou um rei escolhido para tal função. No caso, podemos dizer que um rei em Israel, obrigatoriamente, deveria reconhecer o senhorio do Senhor Deus para poder governar. Se partirmos da possibilidade de que poderia ser um membro das doze tribos quem assumiria a função de governo na terra tendo o Senhor como único rei, ainda assim restaria outro problema: o monarca escolhido traria prestígio e poder para si e para a sua tribo em detrimento das demais tribos. A solução viável para resolver tais questões vem da função sacerdotal, que reservara para si o poder de eleger ou depor um rei, “segundo a vontade do Senhor”, de tal modo que o poder de unção era também o poder sobre o soberano (1Sm 15,1-2).

Assim será o procedimento para com Saul, que surge como um líder na linha carismática de Israel e também como um rei

escolhido pelo Senhor e legitimado pela casta sacerdotal. Um bom modo para escolher, segundo a vontade do Senhor, sem criar problemas entre as demais tribos, é sem dúvida um sorteio, como acontecerá na escolha de Saul.⁴⁸ Porém, como explicar que Saul foi escolhido espontaneamente através de sorteio (1Sm 10,20-24), sendo que ele já havia sido sagrado rei por Samuel em 1Sm 9,16-10,1? O governo de Saul é bem-sucedido em campanhas militares, defesa de Israel e demais funções a ele atribuídas (1Sm 14,47-52). O que irá depor contra Saul será justamente o seu negar submeter-se ao poder sacerdotal, que será concebido como um opor-se à vontade do Senhor, como se pode verificar nos confrontos entre Saul e Samuel (1Sm 13-14). De fato, Samuel acusa Saul de infidelidade ao Senhor: “*Samuel... disse...: Fica quieto... Por que não obedeceste ao Senhor?... Saul respondeu...: Obedeci ao Senhor!... (Samuel:) Porque rejeitaste a palavra do Senhor, ele te rejeitou: não és mais rei!*” (1Sm 15,16-23), mesmo com a afirmação de Saul de ter obedecido à vontade do Senhor.

A importância sacerdotal se imporá novamente na escolha e unção de Davi como rei. O relato apresenta certas discrepâncias que criam um pouco de dificuldade para sua compreensão. Em primeiro lugar Davi é apresentado como o filho mais novo da família de Jessé, cuja função é pastorear o rebanho. Logo em seguida, Davi aparece dentro da corte de Saul como comandante militar conduzindo uma campanha, já sendo ele ungido rei de Israel. Em outros momentos Davi aparece como um serviçal do palácio que toca para tranquilizar Saul. As mãos de um comandante militar treinado para conduzir batalhas e possuir boa empunhadura de espada não combinam com as mãos delicadas de um servo do palácio que toca lira. Sobre este argumento, Cohen afirma categoricamente que a função de *nose'-kelim* não tinha ligação alguma com a de músico, mesmo sendo difícil determinar o que seria tal função.⁴⁹ Por outro lado, sendo Davi já ungido rei sobre Israel,

⁴⁸ 1Sm 10,17-27; sistema simplificado de sorteio que será utilizado em outros momentos para resolver situações diversas como em Js 7,14-18.

⁴⁹ M.A. Cohen, “The Role of the Shilonite Priesthood”, in HUCA 36 (1965) 77.

como pode ele estar servindo de comandante militar e tocador de lira para Saul? Apesar de todas estas dificuldades presentes no relato da sucessão de Saul por Davi, o nosso ponto preciso é justamente o papel desempenhado pela casta sacerdotal nesta sucessão.

Na eleição e unção de Davi não se tirou a sorte como acontecera com Saul e como era de esperar. Samuel vai a Belém até a casa de Jessé segundo a ordem do Senhor e unge Davi (1Sm 16 + 2Sm 5,1ss). Os textos apresentam uma segunda tradição sobre a unção de Davi em 2Sm 2 na qual ele é ungido rei sobre a casa de Judá. Tal relato se apresenta mais coerente com os relatos das campanhas militares e sucessos alcançados por Davi, que o levariam ao trono de Israel. Contudo, na “segunda” unção de Davi não se faz referência à função sacerdotal; encontramos somente descrito que “*vieram os homens de Judá e ali ungiram a Davi rei sobre a casa de Judá*” (2Sm 2,4). Leve-se em conta, ainda, que Davi, agindo como um excelente comandante militar, ainda está, segundo a tradição tribal, dentro da linha dos grandes líderes carismáticos que serviram a Israel.

Nos relatos da unção de Saul e de Davi sobressai a importância de Saul e do santuário de Silo. Este santuário cumpre um importante papel no estabelecimento da monarquia em Israel, como já foi observado brevemente.

No relato da sucessão ao trono de Saul por Davi, podemos dizer que o que está em jogo é a proeminência sacerdotal do santuário de Silo. Tendo Saul procurado governar desconsiderando a importância sacerdotal, teria perdido o suporte principal de relação para com o povo e com a divindade, no caso, o Senhor. Por outro lado, a casta sacerdotal não tinha a menor intenção de perder o seu prestígio, principalmente por serem os sacerdotes os porta-vozes em nome do Senhor. Não tendo o apoio de Saul, é evidente que o clero silonita usou suas forças em prol de um sucessor que garantisse a proeminência sacerdotal sobre Israel. Por outro lado, a aliança entre Davi e a casta sacerdotal de Silo concede ao primeiro o apoio necessário de que precisa para a subida ao trono.

Posteriormente, Davi procura desligar-se de tudo aquilo que o tinha favorecido a fim de chegar ao trono. O reinado de Davi

evidencia um constante esforço para conter a influência das antigas instituições de Israel e entre elas o sacerdócio silonita. De fato, uma das medidas de Davi será transferir o santuário de Silo, representado pela Arca e seus objetos, para a Cidade de Davi, sob o seu controle, com a direção de Sadoc (2Sm 8,17-18; 20,23-26; 1Cr 18,14-17; 1Rs 4,1-6). Desta forma, o próprio santuário de Silo entrará em declínio com a perda da sua importância e por não conter mais os objetos sagrados, que marcavam a identidade religiosa e cultural de Israel.⁵⁰

Silo, sem dúvida, foi o principal santuário de Israel durante o período pré-monárquico. Tendo servido como um santuário anfiteísta central (caso tenha existido tal ideia de anfiteísmo em Israel), foi proeminente por abrigar a Tenda e a Arca da Aliança. Uma das principais funções deste santuário foi assegurar uma unidade tribal de Israel junto com outra importante instituição chamada de “anciãos de Israel” (זִקְנֵי יִשְׂרָאֵל), que eram os líderes tribais. Em síntese, o sacerdócio de Silo e os anciãos de Israel foram capazes de, durante muito tempo, assegurar a unidade e a autonomia tribal e uma relativa segurança das doze tribos de Israel durante o período pré-monárquico.⁵¹ Também foram importantes pelo seu papel no nascimento da monarquia de Israel.

2.3. A Festa de Sucot em 1Rs 8

1Rs 8 apresenta a solenidade da Consagração do Templo de Jerusalém por Salomão. O texto é sugestivo pela sua intrigante relação entre a consagração do Templo de Jerusalém e a Festa de *Sucot* e, ainda, pelo fato de abarcar diversas tradições de Israel anteriores ao exílio. O autor de 1 Reis, de fato, foi capaz de reunir diversas tradições, elaborando-as de tal modo que o capítulo se apresenta como uma obra-prima literária.

⁵⁰ M. A. Cohen, “The role of the Shilonite Priesthood”, 87-91. Cohen apresenta uma síntese sobre a questão monárquica e a importância de Sadoc, legitimado pelo rei, em detrimento a Abiatar, que possuía poder hereditário e reconhecimento popular.

⁵¹ M. A. Cohen, “The Role of the Shilonite Priesthood”, 62-63.

Em 1Rs 8 a solenidade não é denominada objetivamente como Festa de *Sucot*, mas apenas com o nome que lhe será característico no seu aspecto máximo, ou seja, “A Festa” (הַחַג). Este fato indica a importância adquirida pela “solenidade do sétimo mês”⁵² e o seu caráter popular.⁵³

Um fato que nos chama a atenção é a menção aos anciãos da casa de Israel e aos sacerdotes. Salomão reúne duas instituições, que representavam a antiga instituição de Israel, ou seja, a liga tribal. Tal fato procura não só exaltar estas antigas instituições, mas também fortalecer o próprio monarca e a estabilidade do seu reino. Talvez possamos dizer que é um verdadeiro jogo diplomático, no qual Salomão legitima o seu trono. Ao mesmo tempo, tais instituições são confirmadas, porém, sob o poder do monarca reinante.

No conjunto, temos diversas tradições que se encontram: a Arca em relação à Tenda, os querubins, os objetos sagrados, o sacerdócio, os anciãos de Israel, que nos remetem às tradições do deserto e às tradições da época dos juízes e sua relação com o santuário de Silo.

A obra de 1Rs 8, como um todo, é alvo de calorosos debates entre os estudiosos sobre sua composição e estrutura.

2.3.1. O relato de 1Rs 8

Esse capítulo possui 66 versículos divididos em três seções e está em estreita relação com 2Cr 5-7. Os três momentos se apresentam como um “sanduíche”, no qual os relatos da convocação, do traslado da Arca e dos sacrifícios no início (vv. 1-13) e dos novos sacrifícios e do envio ao final da solenidade (vv. 62-66) são entremeados pela grande oração de súplica ao Senhor feita por Salomão (vv. 14-61).

A seção 1Rs 8,1-13 é composta pela convocação, por parte de Salomão, de todo o Israel; pelo traslado da Arca da Aliança

⁵² A expressão “Solenidade do Sétimo Mês” será usada em referência a Festa de *Sucot* no pós-exílio a partir do novo calendário adotado por Israel.

⁵³ R. Vicent, *La Festa Ebraica delle Capanne (Sukkot)*, 61.

e todos os seus pertences, da Cidade de Davi para o Templo de Jerusalém; pela oferta de sacrifícios; pela celebração da festa; e pela exclamação de júbilo feita por Salomão diante da presença da Glória do Senhor através da nuvem que invade o Templo. Por sua vez, a seção 1Rs 8,62-66 retoma os sacrifícios, após a “grande oração” de Salomão (1Rs 8,14-61). O autor, novamente, afirma que, naquela ocasião, o rei celebrou “*a festa*”, com grande assembleia diante do Senhor durante sete dias e mais sete, e ao oitavo dia despediu o povo, que volta para as suas casas “*alegres e de coração contente*”.

Diversos autores⁵⁴ apontam para o paralelo entre o traslado da Arca da Aliança do Senhor, da Cidade de Davi para Jerusalém por Salomão e o relato do traslado da mesma Arca da Aliança de Cariat-Iarim (ou Baala = antigo nome) para a Cidade de Davi (2Sm 4-6). Os paralelos se apresentam pelo traslado da Arca, o clima de festa, a Arca que é depositada “*no seu lugar*”, no meio da tenda armada por Davi, a oferta de sacrifícios na presença do Senhor, Davi que abençoa o povo e, ao final, o povo se retira cada qual para sua casa. O relato de 1Rs 8 contém duas adicionais características, que é a “Glória do Senhor” (vv. 10-11), que está relacionada à dedicação da Tenda da Reunião de Ex 40, e a chamada Oração de Dedicção (vv.12-13),⁵⁵ que não parece se tratar de uma oração, mas sim uma exclamação de reconhecimento pelos feitos do Senhor. 1Rs 8 possui paralelo, também, com a dedicação do Segundo Templo, conforme o relato de Esd 6,16-18 e 1Esd 5,47ss.⁵⁶

Apesar da dificuldade de crítica textual presente em 1Rs 8,2, como já observado antes, as referências ao temas da convocação, do sacrifício, da data, do oitavo dia e do clima de alegria nos permitem identificar “a Festa”⁵⁷ com a Festa de *Sucot*.

A data, mês de Etanim, segue o antigo calendário cananeu entre setembro-outubro, anterior ao exílio. O relato está em

⁵⁴ J. A. Montgomery, *The Book of Kings*, ICC, 185; B. O. Long, *1Kings*, 96-97.

⁵⁵ B. O. Long, *1Kings*, 97.

⁵⁶ J. A. Montgomery, *The Book of Kings*, 185.

⁵⁷ 1Rs 8,2,65; 12,32; Ez 45,25; Ne 8,14; 2Cr 5,3; 7,8.

paralelo com Lv 23, em que o Senhor ordena a Moisés a obrigação de observar a Festa das Tendias: “No *décimo quinto dia deste sétimo mês haverá, durante sete dias, a Festa das Tendias* (הַסֻּכּוֹת) *para o Senhor. No primeiro dia, dia de santa assembleia... durante sete dias apresentareis oferenda queimada ao Senhor. No oitavo dia haverá santa assembleia... é lei perpétua*” (Lv 23,34-36.39-41). Em relação a 1Rs 8, encontramos referência ao sétimo mês, à santa assembleia, ao oitavo dia, à apresentação de ofertas e ao fato de estar “*diante do Senhor*” (v. 65). O relato difere quanto ao nome. Em Lv 23 encontramos a denominação de Festa de *Sucot* e em 1Rs 8 é denominada apenas como “a Festa” (vv. 2.65). Não encontramos em 1Rs 8 a obrigatoriedade da construção de tendas como prescrito em Lv 23, nem referência ao fim das colheitas e apresentação das ofertas.

O motivo da Arca presente nos vv. 1-11 não só ajuda a estabelecer um elo de unidade e continuidade entre o Templo e a Tradição do Êxodo, mas condensa todo o itinerário da presença do Senhor, em meio ao seu povo do Sinai a Sião. De fato, como veremos mais adiante, a Arca acompanhou o povo de Israel até a entrada na Terra Prometida: durante a época dos Juízes esteve presente no santuário de Silo, foi trasladada posteriormente por Davi para Sião, diante dela, Salomão apresentou sacrifícios (1Rs 3,15) e, agora, é estabelecida “*no seu lugar*” de modo definitivo. Estabelecer a Arca “*no seu lugar*” no Templo significa a conclusão da entrada, posse da Terra Prometida e legitimação do novo santuário.⁵⁸

Uma particularidade presente em 1Rs 8,62-66 é que o tempo, o espaço e o culto são dilatados. Enquanto na primeira parte (vv. 1-13) o autor apresenta o rei Salomão e todo o Israel sacrificando, diante da Arca, ovelhas e bois em quantidade tal que não se podia contar nem calcular, agora nos é relatado que Salomão imolou para o sacrifício vinte e dois mil bois e cento e vinte mil ovelhas, que o altar de bronze não pode conter o holocausto por ser pequeno demais para tal ato (vv. 63-64). Quanto ao espaço da solenidade, este também é alargado. Enquanto em 8,1-13

⁵⁸ R. Vicent, La Festa Ebraica delle Capanne (Sukkot), 62.

todo o Israel está junto com o rei, agora nos é dito que a grande assembleia se estende “*desde a Entrada de Emat até a Torrente do Egito*” (v. 65). Quanto ao tempo, nos é dito em 8,2 que todos os homens de Israel se reuniram junto do rei Salomão durante a festa, realizaram a procissão de traslado da Arca, ofereceram sacrifícios; agora nos é dito que a festa durou sete, mais sete, e o povo foi despedido ao oitavo dia. Alguns estudiosos tendem a ver este alargamento temporal como uma glosa posterior. Talvez se trate de um alargamento intencional com a finalidade de demonstrar a grandiosidade temporal, espacial e cultural da solenidade, se tomarmos em consideração os três elementos acima. 2Cr 5-7 tende a harmonizar a situação afirmando que Salomão teria consagrado o Templo na primeira semana e celebrado a Festa de *Sucot* na segunda, com a comum conclusão ao oitavo. Em todo caso, fica uma possível explicação para o alargamento temporal de 1Rs 8,65.

2.4. A Festa de *Sucot* no período pré-exílico

A Festa de *Sucot* é um inextricável entrelaçamento de questões sobre a sua origem e natureza, e não só sua mas também da vida cultural de Israel. Todas as teorias, no entanto, são concordes em considerar a antiga festa outonal como a principal festa cultural. Nenhuma teoria ignora o aspecto agrícola da festa e nenhuma teoria concebe a colheita como a essência da celebração.⁵⁹

Quanto à origem e natureza da festa, os exegetas aludem às teorias da Festa de Entronização e da Festa de Renovação da Aliança.

A Festa de Entronização foi proposta por Mowinckel. Para ele, tratava-se, em sua origem, de uma festa outonal que celebrava o ano-novo com a entronização do Senhor segundo os moldes babilônicos de guerra entre as forças do bem e do mal, através do processo de vida e morte de Marduk, que dramatizava o sistema cíclico da natureza, na chamada Festa de Akitu. Mowinckel baseia os seus estudos nos chamados Salmos de Entronização do

⁵⁹ J. L. Rubenstein, *The History of Sukkot ...*, 24-25.

Senhor.⁶⁰ Segundo Mowinckel, ainda, o centro do festival envolvia a procissão com a Arca da Aliança, dramatizando a entronização do Senhor, no qual o rei israelita, como representante do Senhor na terra, tinha um importante papel. A solenidade previa, ainda, a aclamação do Senhor como Rei, e o toque do chofar e das trombetas indicavam a sua coroação. As tochas de fogo recordavam a criação do mundo e o equinócio outonal, com perdão, purificação, reconsagração do templo, festas, danças e sacrifícios. A entronização do Senhor asseguraria o revigoramento da natureza. Por isso, a festa incluía elementos agrícolas, bem como da fertilidade com o rito da libação de água e a procissão dos ramos.⁶¹ Em união com *Yom Kippur* e *Rosh Hashana*, *Sucot* expressava, ainda, o credo de Israel advindo da Aliança estabelecida entre Deus e Israel.

A segunda teoria, que parte da crítica das formas, que privilegia a tradição legal de Israel, encontrando a origem de *Sucot* na celebração da renovação da Aliança, procura reconstruir as bases fundamentais de Israel. Dt 31,10-13, retornando a Moisés, determina que a renovação da Aliança aconteça a cada sete anos, justamente durante a solenidade de *Sucot*. O caráter agrícola de *Sucot* presente no Pentateuco representaria um segundo estágio no desenvolvimento da festa.

O Período Pré-Exílico é marcadamente regido pelo calendário solar, com o ano-novo no equinócio de outono, ou seja, durante o mês de Etanim (calendário cananeu), que corresponde ao sétimo mês do calendário pós-exílico. O período pós-exílico assistirá a uma mudança radical do calendário, ao assumir o calendário lunissolar, passando o ano-novo do equinócio de outono para o equinócio de primavera (14 de Nissan). Dessa forma, a Festa de *Pessach* passará a ser vinculada ao início do ano-novo e gozará de maior prestígio, atenuando a importância da Festa de *Sucot*.

As antigas fontes bíblicas não usavam o nome de Festa de *Sucot* para esta solenidade. Os textos legislativos de Ex 23,16 e

⁶⁰ J. L. Rubenstein, *The History of Sukkot...*, 21-22.

⁶¹ J. L. Rubenstein, *The History of Sukkot...*, 21-22.

34,22, de fontes javista e eloísta (JE), simplesmente denominavam a festa de outono como “Festa da Colheita” (תִּשְׁבֹּת הַקָּצִיר). Ex 23 ordena celebrar a festa “*no fim do ano*”, enquanto Ex 34 põe o festival “*na passagem do ano*”. A expressão “colheita” provavelmente se refere ao final da safra anual.

Partindo do seu caráter agrícola, a Festa de *Sucot* é considerada por muitos estudiosos como sendo de origem cananeia, que entrou no bojo cultural-religioso com a tomada israelita de posse das terras de Canaã. Os livros dos Juízes e 1 e 2 Samuel deixam transparecer essa aculturação, principalmente através da Tradição de Silo, com a presença nesta da Arca, e as referências de festas ou procissões anuais realizadas em “honra do Senhor” (Jz 9,27; 21,19ss).⁶² Segundo McRae, *Sucot* nunca foi originariamente uma instituição israelita, assim como *Pessach* e *Shavuot*.⁶³ Martin-Achard apresenta a teoria de Kraus, segundo a qual existia uma Festa de *Sucot* durante o período nômade do deserto, partindo da profecia de Os 12,10.⁶⁴ Independente disso, *Sucot* é uma festa ligada ao ciclo sazonal da terra, que apesar das mudanças no decorrer da história jamais perdeu o seu caráter agrícola.⁶⁵

Dt 16,13 ordena celebrar a festa “*após ter recolhido o produto da tua eira e do teu largar*”, porém, agora, usando o nome de Festa de *Sucot* (תִּשְׁבֹּת הַקָּצִיר). Este fato levou alguns estudiosos a pensar que o termo “tabernáculo” pudesse referir-se ao uso de tendas pelos agricultores, no campo, durante o tempo da colheita, celebrando-se a festa ali mesmo. Mas tal teoria não é universalmente aceita. Outros preferem ligar o uso de tenda ao fato da peregrinação anual ao Templo de Jerusalém. O autor deuteronomista enfatiza o caráter festivo e alegre, bem como a abertura a todas as pessoas, incluindo também os estrangeiros.

⁶² G. W. McRae, “The Meaning and Evolution of the Feast of Tabernacles”, 251; R. Martin-Achard, “Sukkot”, 43.

⁶³ G. W. McRae, “The Meaning and Evolution of the Feast of Tabernacles”, 251.

⁶⁴ R. Martin-Achard, “Sukkot”, 43.

⁶⁵ R. Martin-Achard, “Sukkot”, 43.

O texto de Dt 31,10-13 sugere que *Sucot* é uma festa proeminente e era a principal festa de peregrinação. Contudo, o texto de Dt 31 possui traços pós-exílicos.

Lv 23,33-44 e Nm 29,12-34 apresentam a mais detalhada legislação referente à Festa de *Sucot*. Os textos datam a solenidade a partir do décimo quinto dia do sétimo mês e com uma duração de sete dias, sendo que o texto de Levítico acrescenta um oitavo dia com santa assembleia e proibição de trabalhos. O texto de Levítico recomenda ainda a obrigação de habitar em cabanas durante sete dias em memória perpétua dos israelitas, que habitaram em cabanas no deserto quando saíram do Egito, bem como o uso de frutos formosos, ramos de palmeiras, ramos de árvores frondosas e de salgueiros das ribeiras a fim de regozijar-se diante do Senhor durante sete dias. Contudo, Levítico faz parte da tradição pós-exílica; por isso propõe a historização da Festa de *Sucot* como a festa da memória dos quarenta anos pelo deserto.

O relato sacerdotal (P) de Números se restringe ao aspecto sacrificial da festa com uma dimensão puramente cultural e direcionada ao Templo, excluindo por completo o aspecto popular da Festa de *Sucot*.

Em relação à solenidade da consagração do Templo de Jerusalém, encontramos a referência à festa em 1Rs 8,2.65, que o autor deuteronomista simplesmente denomina a solenidade do mês de Etanim (o sétimo mês, segundo o antigo calendário cananeu), chamando-a de “A Festa” (הַחֵג). Porém, permanece uma questão em aberto: por que o autor deuteronomista não explicitou claramente o nome da festa do sétimo mês? Outro relato semelhante será o de Ez 45,25 onde o autor narra “no sétimo mês, no décimo quinto dia do mês, por ocasião da festa...”. Os dois relatos põem em evidência a celebração da festa outonal, que provavelmente era a festa por excelência durante o Período Pré-Exílico.⁶⁶ Por outro lado, o autor evidencia a consagração do Templo e não a Festa de *Sucot*. De qualquer maneira, o autor deuteronomista apresenta *Sucot* como uma festa direcionada ao Templo e à vida cultural deste.

⁶⁶ H. Ulfgard, *The Story of Sukkot*, 100.

A importância do relato de 1Rs 8 está no estreito vínculo que se estabelece entre a Festa de *Sucot* e o Templo. O autor deuteronomista, engenhosamente, resgatou as antigas tradições de Israel demonstrando que o Templo de Jerusalém e a sua Consagração são o ápice e a conclusão de todo o processo do Êxodo. O Êxodo havia começado com a libertação do Egito, passado pelo deserto, conquistado a Terra Prometida, finalizando, agora, com a solenidade da consagração. Assim, a consagração do Templo de Jerusalém é o coroamento de todo este movimento, bem como o elo de continuidade que se seguirá na história israelita.

Nesse sentido, o resgate das tradições relacionadas ao Templo e à Festa de *Sucot* nos permitiu ter uma visão ampla de todo o processo e da mensagem que o autor deuteronomista desejou transmitir. Claro que a questão entre a consagração do Templo e a celebração da Festa de *Sucot* permanece aberta. Em geral, os estudiosos acreditam que a referência ao sétimo mês seja uma glosa baseada no relato de 2Cr 2-5, e que a consagração do Templo e a celebração da Festa de *Sucot* sejam dois eventos separados, como sugere o relato de 2 Crônicas. Talvez Salomão quisesse aproveitar a ocasião da grande peregrinação anual para realizar a consagração do Templo. De qualquer maneira, o relacionamento entre os dois eventos foi estabelecido no decorrer da história de Israel. Assim, a Festa de *Sucot* passou a tornar presente a solenidade da consagração do Templo, bem como permitia estabelecer um vínculo de unidade entre cada israelita e a fé de Israel, representada pela Arca, presente no Templo, morada escolhida pelo Senhor. Por outro lado, a celebração de *Sucot* tornava popular a vida cultural do Templo e estabelecia um caráter alegre e festivo entre o Senhor e Israel.

Os traços da Festa de *Sucot* em 1Rs 8 estão em consonância com os relatos de Lv 23 e Dt 16 e 31. A solenidade em 1Rs 8, como expresse acima, é uma festa orientada para o Templo com a concentração no dado cultural, marcado pelos ritos de palmas e habitação em cabanas. O autor deuteronomista procura expressar toda a sua ideologia através do contexto de historização e centralidade do Templo e da Aliança. Este esforço do autor pode

ser percebido no relato da nuvem e da glória do Senhor (evocando a Tenda do Deserto com a Arca da Aliança e a presença divina – *Shekinah*). Outro importante elemento é a reunião de todo o Israel na presença do Senhor como um povo sacerdotal, que no relato do Êxodo é chamado a fazer o caminho de três dias para sacrificar ao Senhor (Ex 3,19). Esse povo sacerdotal, conforme a Aliança, habita na Terra Prometida e agora se reúne diante da casa, que o Senhor escolheu para morar, a fim de lhe prestar culto e sacrifícios.

A importância do relacionamento entre Templo e *Sucot* pode ser notada na necessidade de Jeroboão estabelecer uma festa também em Betel (1Rs 12,32), com medo de que o povo se rebelasse contra ele e se unisse a Roboão. Aqui, no caso, encontramos um motivo político.

As designações “A Festa” ou “Festa do [para o] Senhor” indicam a importância alcançada por *Sucot*, confirmada pelos relatos de Salomão e de Jeroboão.

Todo esse processo e todas as tradições de Israel serão resgatados e reelaborados durante o pós-exílio por diversas correntes, umas divergentes e outras convergentes, que configurarão o judaísmo do Segundo Templo.

Gilvan Leite de Araujo é doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino – Angelicum de Roma, leciona na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pertence ao clero da Diocese de Osasco (SP).